



# Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 25 de Agosto de 1979 \* Ano XXXVI — N.º 925 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Os Direitos da Criança

IX — A criança deve ser protegida contra todas as formas de negligência, de crueldade e de exploração. Não deve ser submetida a nenhuma espécie de tráfico.

A criança não deve ser admitida em emprego antes de ter atingido uma idade apropriada; não deve, em nenhum caso, ser obrigada ou autorizada a ter uma ocupação ou um emprego que prejudique a sua saúde ou a sua educação, ou que entrave o seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

Cada vez que releio qualquer dos dez pontos que pretendem sintetizar os Direitos da Criança, me parecem tão evidentes, tão capazes de polarizar o consenso universal, que a primeira reacção é a de superfluidade de os reflectir e a segunda uma pesada tentação de timidez em fazê-lo. E no entanto, compa-

rando o quadro ideal da Declaração com o panorama dramático da realidade, julgo que não é tempo perdido, antes tarefa urgente a denúncia de situações verdadeiramente antagónicas entre o que o pensamento dita e a vontade decaída dos homens pratica ou permite. Se são relativamente poucos os

cruéis e os exploradores (embora os números absolutos sejam ainda muito grandes), é multidão numerosa (eu diria que é toda uma sociedade adormecida) a dos negligentes, mesmo ao nível de responsáveis dos pelouros especializados que deveriam prevenir mais para menos terem de remediar — tanto que os ultrapassam!

Aconteceu-nos ontem:

«Adriano é um mocinho esperto de 9 anos de idade, frequentando a 3.ª classe, mas que é o problema n.º 1 da família porque ela, a família, é talvez o problema dele... A mãe é hoje uma mulher divorciada que aguarda oportunidade para casar com o homem com quem vive. Porém, durante muito tempo, foi apenas uma mulher separada do marido e vivendo com outro homem (que não é o que agora tem) do qual teve três filhos, um deles o Adriano. Este, talvez porque tem maior

Cont. na 4.ª pág.

## Aqui, Lisboa!

«A sociedade gera monstros.» (Pai Américo)

Quem compulsa os jornais noticiosos não pode deixar de se impressionar pelos casos de suicídio, de criminalidade, de droga, de desaparecimento de pessoas, particularmente no que respeita aos jovens. Todavia, tudo isso constitui apenas uma reduzida amostragem do que vai por aí. Quem fala com pessoas de todas as categorias sociais e circula por toda a parte, acaba por ter uma noção mais realista, e infelizmente nada animadora, do contexto social em que estamos inseridos.

Fomos outro dia ao Tribunal de Família de Lisboa, levados pelos interesses de um dos nossos Rapazes, abandonado já há anos pelos pais. Enquanto nós eram facultadas umas listas para que procurássemos o «caso» que ali nos levava, fomos vendo e ouvindo. Em quase duas horas de permanência, aliás em vão, tivemos oportunidade de formular uma ideia capaz do volume de processos em curso para a separação dos cônjuges e dos problemas inerentes para os filhos. Separações por mútuo consenso, acções litigiosas, pedidos de indemnizações e de manutenção, etc., etc.. De tudo

isto, e de muito mais, nos apercebemos, de tal modo que saímos profundamente tristes e assaz preocupados.

Sem famílias capazes não é possível uma sociedade harmoniosa e sadia. A tendência será a degradação contínua do teor da vida moral, e não só, em que as crianças serão as principais vítimas, por não encontrarem respostas adequadas às suas necessidades e exigências naturais. Separados os progenitores ou demitidos das suas responsabilidades, tudo é previsível para os filhos, mesmo que se disponha de dinheiro para tentar «comprar» o seu bom comportamento e a sua indispensável formação. «A sociedade gera monstros», escreveu Pai Américo, porque família destruída ou dessintonizada, é «ninho de perversão» e os filhos, hoje inocentes, «são dos que mais tarde se sentam no banco dos réus».

● «Um indivíduo de 38 anos tentou violar a sua própria filha, de 13 anos», era notícia de há dias. Pela profissão e local de trabalho não nos pa-

Cont. na 4.ª pág.

## Somos a Família dos sem Família

É tempo de férias. As minhas lá se foram, uma parte pelas ondas do mar, outra pelo cimo dos montes...

A vida feita de horas marcadas, cansa. E é tão bom sentir o tempo, em paragem, com o sabor da Eternidade! O mínimo de horas, de barulho, de problemas.

Cheguei e as horas começam a ser marcadas pelo som da voz de um novo caso — velhos casos! Poucos minutos passados, toca o telefone. É da Polícia dizendo que um rapaz foi encontrado, ao ser abandonado no Norte, por um seu colega também de Lisboa. Que fazer? Quiseram trazê-lo cá. Dizia ter 14 anos e vendia pentes e peços. Não tinha mãe e do pai sabia só o nome da cidade em que vivia. E dormia, agora, nos bancos do jardim. De rosto envelhecido disse que não queria ficar preso, nem conosco. Nem podia... E lá voltou, ainda que conduzido, para a rua, talvez! Sua vida de marginal a atraí-lo fortemente, fez-nos pensar: — Que solução, agora e onde e quem? Mais tarde e em nenhum lado e ninguém — o salvo-conduto da

marginalidade! Onde este começa, a nossa responsabilidade também.

Outra voz que nos chega e no mesmo dia. Pai e mãe vêm juntos pedir para que aceitemos o seu filho de 12 anos. O pai vai para o trabalho e a mãe fica em casa. O menino, desde pequeno, habituado a fazer as suas vontades, foi crescendo no abuso da liberdade e em má educação. Agora, foge de casa, vem comer se muito bem lhe apetece e dormir também. O pai culpa a mãe e ela chora. Ele castiga o filho e a mãe perdeu a autoridade perante os dois. Todos os três sofrem, à sua maneira, os erros de cada um. Da nossa parte, mais uma vez, que não. Compreenderam que outros casos estavam à frente do seu, em todos os aspectos. A nossa Casa continuava a procurar ser família dos que a não têm. Este espírito forte que nos rege nem pode ser subvertido nem subornado... — «Nós pagávamos...» E casos destes estão a aumentar! Os queixosos de ontem eram os filhos, hoje são já os pais...

Padre Moura



A formação profissional contribui para «fazer de cada rapaz um Homem»

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**CASAMENTO** — Em nossa Casa, o nosso companheiro Zé Alberto casou com a Ana Paula.

De manhã, o tempo parecia não prometer um daqueles dias desejados por todos nós, mas lá para o meio-dia sempre apareceu o sol a beijar a terra.

No acto solene, na capela, o P.e Carlos referiu-se ao passado do Zé Alberto e ao gosto de trazer guloseimas para os mais pequenitos, quando saía do trabalho, e à motivação da nossa malta pela pintura. Aos sábados e domingos era vê-lo rodeado de Rapazes com pincéis e tinta fazendo o que o seu espírito comandava. E que bonitos quadros!

Logo a seguir, e sempre depois de se tirarem todas as fotografias, foi a boda no refeitório. A alegria, como sempre, foi a tônica reinante e a boa disposição fez com que se lançassem, no fim, guardanapos de papel aos noivos.

No final, o Conjunto aprontou-se para tocar um pouco, mas um problema eléctrico não permitiu.

Esperamos que o Zé Alberto continue a ter aquele espírito de dádiva pela vida fora. Que as tristezas se transformem em alegrias!

Felicidades para os dois.

**SAPATARIA** — O Vasco mais os seus ajudantes têm andado na tarefa que lhes compete, de calçar os Rapazes com sandálias.

Nós somos bastantes, o material é caro e isto mostra bem como é necessário todo o cuidado com o calçado.

Daí, não se poder jogar à bola calçado, porque seria desgastar muito os sapatos.

Os modelos das sandálias são mesmo vistosos e é sempre um contra-tempo para os nossos sapateiros quando por lá aparece obra para consertar.

**FRUTA** — A nossa quinta tem fruta que chegue para algumas refeições da malta.

Ela já convidou alguns dos mais atrevidos a saboreá-la... Um bem que é de todos, para satisfação de alguns!

O castigo merecido relacionado com a fruta cometida não se fez esperar e parece-nos que o aviso chegou.

Vamos ter alguma fruta, já que no ano transacto só tivemos poucas maçãs.

**CONVITE** — No último dia de aulas de estética, e como já é costume, convidámos o nosso professor Armando a almoçar connosco, ao qual ele acedeu sem obstáculos.

Muito poderíamos dizer sobre este assunto, mas as palavras que o sr. Armando deixara escritas num guardanapo de papel, ilustradas com uma flor, dizem tudo:

«Quem falou em fome? Massa com carne da quinta e hortaliça.

[Parabéns ao cozinheiro...

Repeti três vezes!

O vinho? Uma maravilha!

É sempre assim?

Parabéns e um abraço a todos.

Até breve».

No fim foi o cafézinho, no nosso bar, acompanhado do cigarrinho da paz que o sr. Armando nos quis oferecer.

Cá o esperamos, novamente, para o ano e oxalá todos tenhamos mais força para fazermos algo mais útil.

Um abraço de toda a equipa tipográfica.

**BATATA** — Tínhamos o nosso celeiro mesmo vazio. Agora vamos ver se conseguimos meter lá a batata toda.

Alguns dos nossos lá andam a apanhá-la debaixo do sol escaldante que, depois, é compensado com uma boa banhoca na piscina.

Temos comido muita batata nova para que se possa aproveitar já a mais pequenina e defeituosa.

Só é pena este ano haver tão pouca batata!

**FESTIVAL EM CÊTE** — A nossa melhor classificação foi a do Álvaro que conseguiu o 3.º lugar com a canção «Partitura em mi». Temos que



Uma imagem do Festival da Canção/79

aceitar realmente que estava bem trabalhada e a ideia da flauta pelo meio foi ótima. O coro dos pequenitos esteve bem afinado: desempenharam o seu papel.

Este é já o 3.º Festival de Música Portuguesa para Amadores organizado pelo Centro Cultural de Cête. A qualidade das canções vai evoluindo, de ano para ano, e o certo é que, agora, as composições já estiveram muito a par umas das outras.

A canção que obteve o primeiro prémio caiu a suspeita de ser conhecida e esperam-se provas para podermos dizer qualquer coisa aos componentes desse Conjunto.

Os outros participantes da nossa Casa andaram pelo meio da tabela (eram 12 canções), com excepção do Carlos de Miranda que obteve o último lugar da classificação.

Todos os concorrentes receberam um disco como prémio de presença.

Os prémios para os três primeiros foram taças, para além dos discos de presença.

**FESTIVAL DA CANÇÃO/79** — Realizou-se em nossa Casa, aquando do Festival Desportivo, o Festival da Canção. Só agora o revelamos, por falta de espaço.

Muitas canções apareceram, mas as melhores foram sem dúvida as classificadas nos primeiros lugares e ainda a canção com o título «O velho marginalizado».

Em primeiro lugar ficou o «Sete e Quinhentos» com a canção «Gostar é um direito», muito bem contruída apesar de se dizer por aí que alguns acordes eram conhecidos. Concorde, mas não eram na totalidade. Realmente estava bem imaginada.

O título com melhor música foi «Meu Amor».

O melhor poema coube à canção do Carlos de Miranda com o título «Um mundo novo», que transcrevemos:

«O amor só tem mais valor  
Quando todos derem as mãos,  
Quando houver paz e concórdia  
Então seremos todos irmãos.

O mundo quer plantar uma flor  
O mundo quer semear o amor  
O homem quer alegria e carinho  
Pois este mundo está em mau cami-  
[nho.

Para ti, que já andas desiludido,  
Que olhas para o mundo e não o vês  
Pois ele está tapado com a força  
Do ódio, da guerra, da destruição,  
Pensa que o mundo és tu e eu  
E que só depende de nós, afinal  
Que um mundo novo se construa.  
Para ti, que sonhas conquistar  
Um mar sem fim de alegrias  
Neste mundo de frieza e dor!...  
Repara; a vida é uma ilusão!  
Transformemos a terra,  
Que se acabe o ódio, a guerra, a des-  
[truição]

Agradecemos a colaboração prestada pelos elementos do Conjunto «Luna 5» como júri deste Festival, bem como ao Zé Alves e mulher.

Para todos os participantes, parabéns pela qualidade musical e poética!

**FÁTIMA** — Dia 13 de Agosto foi a Peregrinação do Emigrante. Muitos Emigrantes nesse dia vão a Fátima prestar homenagem a Nossa Senhora, pedindo que os guie pelo mundo fora.

Nós, Obra da Rua, estivemos lá, representados pelas nossas Casas.

As primeiras 4 horas de vigília foram preenchidas pelas 4 Casas do Gaiato. A Casa de Miranda representou a peça teatral com a qual fizeram digressão pelo Centro do País sobre os Direitos da Criança. As restantes leram e comentaram textos bíblicos. Todas as Casas, em conjunto, entoaram cânticos preenchendo as horas de vigília.

No final foi a bênção do Santíssimo e logo após cada um foi recostar-se um pouco, pois às 8,30 horas teríamos de estar a pé para tomarmos o pequeno-almoço e podermos participar activamente na Celebração da Eucaristia.

O nosso lugar foi bem junto do Altar, de onde podíamos ver e apreciar toda aquela beleza, que é a multidão de Peregrinos e a variedade das cores.

Fizemos o cortejo de ofertório das pixides e ajudámos a distribuir a Comunhão pelos peregrinos.

Eu, pessoalmente, que nunca tinha ido a Fátima, gostei muito, mas ainda tive mais satisfação por ter participado activamente, não só como um assistente.

Estou plenamente convencido que todos gostámos.

Porém, a coisa que mais me sensibilizou foi a «hora do adeus». Os peregrinos, enquanto o andor de Nossa Senhora percorre o percurso da Basílica até à Capelinha das Aparições, agitam lenços brancos, o que dá uma beleza extraordinária. As lágrimas vêm aos olhos sem o querermos. É, na realidade, um espectáculo maravilhoso!

Foi bom este convívio com os Emigrantes e também com alguns Rapazes nossos de outras Casas.

Agradecemos o acolhimento que nos prestou o Reitor do Santuário.

Foi divertida a nossa viagem na presença do Emílio, a quem o Júlio Mendes chama «Cara alegre», pois é mesmo um gaiato típico e uma «peça de museu».

Pois bem, resta sómente agradecer ao nosso condutor, Fernando Dias, a paciência que teve, nesta viagem tão longa, de aturar o Emílio, o mais irrequieto.

«Marcelino»



Eis o grupo que fez a Primeira Comunhão em nossa Casa de Azurara



# Evocação de Pai Américo

Nas últimas edições assinalámos duas efemérides recentemente vividas, sobretudo no Altar: o 23.º aniversário da morte de Pai Américo (16 de Julho) e as suas «Bodas d'Ouro» sacerdotais (28 de Julho).

Como ambas as datas calaram fundo na alma de todos, achámos oportuno continuar a evocar Pai Américo para «darmos razão de ser ao que ele foi», para «cantarmos autenticamente a sua glória no tempo, que na glória eterna já ele está fixado — assim o cremos».

Eis a presença de um Professor lisboeta, Amigo que, de longe, nos acompanha de perto; outra do Solano, porta-voz daqueles nossos — e muitos são — para quem a Obra da Rua, em Angola, foi, é, Mãe estremosa.

● «Ao iniciar dez dias de praia para iodar o organismo fatigado de um ano de labor e freimas, a que se seguirão 18 dias de descanso virgiliano para sossegar e reflectir, comecei com as leituras reservadas para este período, com um «uíscue» velho, do melhor, como aperitivo — a vossa edição de «O Calvário». Embora fosse uma releitura de há dezenas de anos, o impacto não foi menor do que da primeira vez: Encontrei nele actualidade flagrante, Evangelho interpretado na fonte e praticado como o foi nas origens do tempo cristão.

Este livro é um tesouro de preciosidades. Não há por onde escolher. Acabei a sua leitura sofregamente e não quero mudar de agulha sem primeiro registar algumas das muitas e profundas impressões e alguns dos ensinamentos oportunos que colhi.

Vou começar à sorte. Mas, antes, desejo salientar, para colocar como frontespício e a servir de quadro de honra, a página mais bela, a meu ver, de todo o livro: Trata-se da fotografia a página inteira com a legenda — «O Carlos Manuel na paz do novo lar».

Paremos e contemplemo-la: a beleza sóbria da arcada, a sua perspectiva feliz, as plantas que o adornam, a luz coada que o ilumina, o pórtico do acesso que parece dar para o parque onde se lobrigam árvores de bom porte, outros arcos e muros de bucho (será?) bem tratados, insinuam a visão de um jardim de Beleza.

No centro deste quadro, em primeiro e grande plano, uma jóia de alto valor: o pequenito Carlos Manuel, cego, anormal, canceroso, mas portador de uma alma, uma parte sofredora, inocente e expiadora, do Corpo Místico. Esta fotografia e o quadro bíblico que ela projecta é bela, é impressionante e constitui, em meu ver, a autêntica, a verdadeira síntese dialéctica do egoísmo humano-amor humano. Uma síntese em moldura condigna e artística — uma jóia no escritório apropriado.

Merecia ir a concurso esta fotografia. Premiá-la-iam os da UNESCO? Premiá-la-iam os nossos teóricos 3.º mundistas? Porque não lêem eles a cartilha

de Pai Américo, saudavelmente revolucionária, e não a coquejam com a cartilha de Marx, destruidoramente nivelante?

Serão as lindas árvores todas iguais ou todas diferentes? Mesmo quando crescem no mesmo terreno e gastam a mesma seiva e são objecto dos mesmos cuidados... Adiante, que o tema é inesgotável.

Desobrigado na fixação deste quadro, só quero agora resumir algumas das inolvidáveis sentenças e observações atentas do nosso inspirado Padre Américo. Resumir não, que é profanar! Transcrever uma ou outra no seu lídimo vernáculo, sim. E lembrarmo-nos de que um senhor Professor universitário classificou de português do Bié o modo cativante e insinuante de dizer do Pai Américo! Que o senhor devia saber muito de seu ofício, até nem duvido; mas que era de vistas intelectuais muito curtas, ainda duvido menos.

Uma das virtudes que saltam logo à vista de quem lê Padre Américo são a sua con-

vicção forte, a sua vivência humana, a sua inteligência das coisas e das teorias, o seu sentido de humor e a força do seu ralar. Vejamos, por exemplo:

1. O modo inteligente como entende o problema da dor em termos cristãos: a Humanidade a exigir o sacrifício de Cristo; Cristo a pedir a dor, mas, porque glorioso, a realizá-la nos membros do Seu Corpo Místico; a maldade do Mundo a impor este sacrifício aos condenados à miséria.

2. O seu aditamento a um dizer popular: «Uma andorinha não faz a Primavera, mas se é um bando, estamos nela».

3. Uma definição de antologia — simples, precisa, incisiva: «Quem é o Próximo? Os Pais, os Irmãos e todos aqueles que precisam de nós».

4. Uma boa regra pedagógica — fruto de poderosa intuição e de apurado bom senso:

«É preciso despertar o que está adormecido. Dar a mão. Ir adiante para que aprenda o caminho, ou o retome se já o conhecia mas o perdera. Mas logo que ele o saiba, retiremos-nos para que sinta a alegria de ir adiante por si.»

Não é esta doutrina mais clara e segura que a tão apregoada hoje pedagogia não directiva de Carl Roger? Não há dúvida: Padre Américo foi um pioneiro e um inovador. Merece ser estudado, pois é um manancial inesgotável.

## Carta de Benguela

P.e Telmo e P.e José Maria partiram hoje mesmo para Malanje. P.e Telmo chegou cá no dia 27. Celebrámos com os Rapazes o aniversário da Ordenação de Pai Américo. Estas grandes datas da Obra foram ainda celebradas em nossa Casa de Benguela! Em África! Fico no meu posto, de momento, sem qualquer alteração. Que bom este nosso encontro! A amizade, a confiança mútuas são o caminho certo. E vivemos estes dias neste clima. Habitado à companhia de P.e José Maria, sinto a sua ausência.

Nosso rumo ainda não está definido. Vamos aguardando, como o vimos fazendo há meses já, o que Pai do Céu nos vai dizendo. Queremos estar atentos e por isso também não nos falta a tensão caracterís-

tica destes dias que estamos vivendo. Consola-nos a certeza de que a ajuda preciosa da oração de tantas almas nos vai dando alento.

Hoje de manhã fizemos o funeral da filhinha mais nova do nosso Vieira. Foi uma surpresa. Fomos os três. E às 3 horas da tarde P.e Telmo e P.e José Maria rumaram de avião para Luanda e Karianga. Aguardo a oportunidade de ir lá. Já, não. Não me precipito. P.e Telmo está a preparar a sua ida a Portugal. Carlos Alberto seguirá com ele.

Mas não fico só!

P.e Telmo trouxe-nos a mensagem de «Paz e tranquilidade» características de quem vive a Liberdade dos filhos de Deus.

P.e Manuel

5. Uma nota de senso prático, em que era forte, sobre como evitar a monotonia desmobilizadora na vida: «Há que tentar novos ângulos para que a vida ganhe novas formas de sedução e dê o gosto de vivê-la».

6. Uma afirmação de confiança e certeza nas possibilidades do homem: «Há em todo o homem enorme capacidade de realização. (...) O homem possui sempre algo que poderá render».

7. Uma descoberta, feita no Calvário, e que até mereceria ser proposta para candidata a um Nobel (outras não, tão valiosas o têm sido): O cuidado e o carinho perseverante dos débeis mentais por outros mais débeis.

E logo acode a explicação simples, por isso natural e verosímil, segundo as regras da economia do pensamento: «Os débeis não se cansam da repetição, fastidiosa e sem perspectiva de êxito; logo a sua assistência tem o carácter de permanência alegre, eficaz, comprometida, certa».

Diremos nós que se trata de um valor desperdiçado, ainda não contabilizado pelos «técnicos».

Quando o for, lá vai a engrenagem do computador e do número dar cabo do valor humano que é o aproveitamento do débil. É que passará a aproveitar este apenas em termos de rendibilidade e jamais de realização individual. Desumanizará, em suma, porque lhe faltará a consideração da pessoa.

8. A eloquente, feliz e poética interpretação do símbolo da Cruz: «Duas linhas que se cruzam. A vertical sobe ao encontro de Deus. A horizontal vai direita aos homens».

Aquela marca-nos as relações com o Senhor. Esta faz-nos estender a vista pela Humanidade e dita-nos o plano de igualdade em que nos encontramos no mundo, despertando-nos a consciência das nossas relações mútuas.

Até hoje, não vi melhor.

9. Um asserto sobre as múltiplas facetas do homem e as suas ignoradas possibilidades: «O homem é um ser desconcertante. O seu comportamento desmente os prognósticos».

10. Uma censura forte a certa Igreja e não só à instalada: «A fachada do cristianismo ainda é risonha, mas o interior está vazio...»

(...) A Igreja desertou ou despoitou-se da sua missão».

11. Corajoso e forte nas decisões: «Tira o Pobre e Incutível da barraca, acomoda-o e

manda queimar a barraca para que Cristo não volte lá...»

É simplesmente exemplar.

12. E para terminar: Porque é que, afinal, todos precisamos dos mais necessitados?

Porque precisamos, embora poucos o aguentem, do Calvário?

É um epílogo tão belo e sentido que não me atrevo a sintetizá-lo como a via mais directa para o aperfeiçoamento individual. Só lidas as duas últimas páginas é possível entender.

E pronto: desculpem-me.

Conto com o sorriso benevolente de Padre Baptista para as minhas interpretações arreduas naturalmente da veracidade de casos pontuais do «seu» Calvário — que vive e sofre e continua.»

● Completaram-se cinquenta anos no dia 28 de Julho que Pai Américo aceitou o chamamento do Pai como filho. Ele deixou tudo, como há 2000 anos Pedro deixou suas redes. Tinha um futuro risonho em Moçambique, mas aceitou a «martelada» para O seguir.

Numa época difícil — realmente — em que o velho Continente, mal sarado da 1.ª Grande Guerra, era então assolado por sucessivas guerras civis. E Pai Américo, enérgicamente, aceitou a cruz, porque o Mestre assim quis.

A partir desta gloriosa data, Deus põe ao serviço da humanidade Américo Monteiro de Aguiar que veio a ser o mais ilustre defensor dos Direitos da Criança. Mais tarde, nós, crianças desprotegidas pelos ditos direitos de que muitos políticos se dizem defensores, chamar-lhe-íamos Pai Américo. E fundou as Casas do Gaiato — Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes — que ficam sob o comando dos próprios Rapazes, para fazerem de cada Rapaz da rua um Homem e com a tremenda responsabilidade de virem a ser aquilo que nós formos. Obra fantástica! Inédita!

Infelizmente, devido aos «ventos da História», as nossas Casas de África foram encerradas por ordem dos respectivos Governos. Nem tudo está perdido. Não há que temer. Temos muitos Maxindes. Como Gaiatos de Benguela que somos — última Casa a ser encerrada após 15 anos ao serviço do garoto da rua — teremos sempre em nossa memória e dos seus netos o amor de Pai Américo para connosco. E, em Angola, todo o Rapaz que se tenha feito homem digno da sociedade na Casa do Gaiato, sente-se orgulhoso e tem a honra de ser Gaiato por toda a vida.

Por isso estamos a lembrar — assim como celebrámos o imortal 16 de Julho — esta gloriosa Data em que há meio século foi lançada a primeira pedra, que veio a transformar-se em verdadeira pedra angular com o objectivo de fazer de cada Rapaz um Homem útil à sua Pátria e ao Mundo.

Solano

# Os Direitos da Criança

Cont. da 1.ª pág.

vivacidade, um subconsciente mais desperto que os irmãos, tem sido sempre como que um desadaptado, sabe Deus se a este ambiente familiar em declive... A mãe, operária fabril, pouca atenção lhe pode dispensar e, pobre samaritana que não chegou a encontrar o Poço de Jacob, pouco ou nada tem para lhe transmitir. O garoto talvez seja apenas a vítima de todo um drama criado e sustentado pelos homens... Em casa, como ele arranja sempre sarilhos, está sempre a ser castigado em rijo. Ele nada teve ainda com Tribunais, mas vai entrando lentamente no campo do vício. O garoto mesmo deseja ir para a Casa do Gaiato, chegando a dizer que, se o mandarem para outro lado, foge. Talvez porque conhece o Maurício, pois é vizinho da mãe deste, isso o leva a desejar ir.»

Foi assim que em Novembro de 1977 soubemos do Adriano, apresentado por Assistente Social que o é por vocação. Não pudemos recebê-lo logo. Na primeira metade de 78, ela insiste: «Tenho aguardado o sim ou o não definitivo sobre o assunto.

A situação do garoto está de facto a piorar, tendendo para a fase de delinquência: tira dinheiro em casa que gasta não se sabe onde, receando-se que comece a tirá-lo no exterior; a mãe bate-lhe, leva-o à Polícia, o que dá origem a maior revolta e o faz esconder com mais segurança e rebeldia o que realiza.»

O pequeno veio em Julho seguinte. Adaptou-se bem. Frequentou a 4.ª classe, mas, embora esperto, a sua preparação anterior era tão frágil que tem de a repetir. A sua graça irradiante não esconde completamente um carácter a exigir muito trabalho e perseverança no curar de feridas e distorções de que foi vítima. Mas ia progredindo e estava feliz.

Ontem apareceu a mãe: «Que precisava dele e que o homem a mandara buscá-lo». Percebi que havia já combinações, mesmo uma estratégia de fuga e de encontro posterior com ela, no caso de resistirmos. Só o Adriano podia valer-se. Falámos. Lembrei e expliquei-lhe as causas da sua vinda; a vontade de vir que ele próprio manifestara. Mas é natural que um miúdo de 11 anos, sugges-

tionado pela mãe, aliciado por uma viagem à sua terra e por promessas que se não vão cumprir, não seja capaz de escolher bem. Era verdade tudo, mas ele queria ir. E foi. Foi, porque lhe roubaram a paz e ele não resistiria ao alvoroço; no nosso regime de porta aberta, fugiria na primeira oportunidade: hoje mesmo quando viesse à venda do jornal e juntasse o preciso para a viagem. Foi, porque aos 11 anos ainda não é capaz de discernir a autenticidade de dois poderes paternos que lhe aparecem em

oposição; nem dessa autenticidade concluir e eleger o mais legítimo. Foi, porque não temos atrás de nós a força de uma instituição legal, disponível, rápida e regida mais pelo senso, pelo bom-senso da realidade, do que por articulados de leis ingénuas ou farisaicas. Foi, porque, se imediatamente seguíssemos a linha dura de mandar a mãe sózinha para casa, teríamos de guardar o Adriano a sete chaves (o que não é o nosso modo de viver!) enquanto recorrêssemos aos Serviços Jurisdicionais de Menores, que estão em férias e são tão enredados no seu agir que levariam meses ou anos a decidir qualquer coisa; e até, provável e inocentemente, qualquer coisa como o primado do direito do sangue, mesmo quando ele privilegia os ascendentes em desfavor das crianças.

E a criança que «não deve ser submetida a nenhuma espécie de tráfico» é trazida e

levada como objecto; é traída por quem, como dever nascido do sangue de «a defender de todas as formas de exploração», antepõe ao interesse perene da criança a sua própria e imediata conveniência (muitas vezes menos por maldade que por incultura); e continua a ser traída por uma sociedade que conhece a multiplicidade de factos destes e negligencia a sua prevenção (sem a atenuante da incultura que não é admissível aos responsáveis).

Doridos pela trajectória que antevemos ao Adriano, confirmada por tantas experiências semelhantes sofridas ao longo dos anos, uma outra mágoa ainda mais profunda nos resta: a contradição de vermos o erro e sermos arrastados pela inércia social a uma cumplicidade que, por ser passiva e dolorosa, não deixa de ser cumplicidade, na proliferação de desadaptados.

Padre Carlos

## AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

receu tratar-se de pessoa de poucos teres materiais. Que importá, se os valores morais estiverem ausentes? O homem escravizado pelo dinheiro, pelo nada, pelo sexo ou outros estupefacientes, torna-se como as bestas ou ainda pior. Este e outros casos, mais não são do que a consequência lógica da inobservância do código moral, enfraquecido pela onda de materialismo caudaloso que grassa no mundo em que vivemos.

● Nunca como hoje os homens foram vocacionados para serem ricos, custe o que custar e seja qual for o expediente a que recorrer. Os desfalques, os assaltos a bancos, a viciação de selos fiscais, o contrabando em larga escala, e os truques mais inverosímeis são utilizados para se viver à grande, frequentando boites, atraíndo os vínculos conjugais contraiídos, cultivando a vaidade e o luxo, trocando de carros de altos preços como quem muda de camisa, etc. Casos recentes atestam que há autênticas redes montadas para a perversão e para o roubo (desvio, furto, desfalque, golpe, se quiserem). E notem que não são os Pobres ou os homens de poucos recursos os autores desses crimes maiores. O nepotismo e o compadrio são correntes nesta terra em que a venalidade campeia, poucos dos que se dizem trabalhadores querem trabalhar e há, entretanto, centenas de milhares de desempregados. Dentro em pouco não há Tribunais que cheguem para os problemas levantados e há muita gente lesada que, pela morosidade e carestia da Justiça, se desinteressa de apresentar qualquer queixa. O que se tem

passado com os turistas é uma triste propaganda do País e da sua atracção. Realmente reina o caos.

Temos de concluir que o sentido de vida fácil, a busca do «tacho» chórudo e a perseguição do prazer são constantes da vida portuguesa, um mau exemplo, portanto, para as gerações que agora despertam para a vida. Diga-se de passagem que as coisas se têm agravado nos últimos tempos e que, infelizmente, até a austeridade que se propõe como indispensável, se dirige apenas aos outros e poucos a quem vivem. Nisto, como noutras coisas, as novas classes dirigentes deveriam ser coerentes, logo exemplares, que só assim convenceriam quem já está farto de palavras.

● Alguém entrega-nos pessoalmente a sua primeira reforma: 2.600\$00. Apetecia-nos recusá-la, mas não tivemos coragem para o fazer, ante a determinação, diríamos, religiosidade, posta no acto.

Face aos ordenados auferidos em largos sectores da vida portuguesa, pasma-se, para mais falando-se tanto em justiça e no social, que não se reveja

de alto a baixo a situação dos pensionistas e reformados, autênticos cidadãos de terceira, numa sociedade que se quer mais justa e equilibrada. Será que não terão direito a comer e a subsistir, em geral, como os outros? Há pensões e reformas de fome, é a expressão, que são causa de um resto de vida torturante para muitos!

Porque será que, para igualdade de anos de serviço e de categorias, embora desfasados no tempo, não correspondem reformas iguais? É uma pergunta que aqui formulamos, a propósito do assunto aflorado, que nos parece pertinente. Falar em Justiça é fácil, mas realizá-la é que é necessário. O resto é cantiga... E porque não haver também uma indexação adequada, sempre que bolem nas remunerações dos funcionários no activo? Ao contrário os reformados e pensionistas ficarão sempre mais distantes.

● Continuam os turnos da praia. Esperamos que haja crónica de S. Julião para dar notícias. O mar e as suas ondas refrescantes parecem ter, por agora, bloqueado os cronistas....

Padre Luiz

## CIMENTO

### ● Uma imagem triste

Tempo de férias. Coube-me ir ao cimento.

São 14 e 30. A jornada começou às 7 e 30 em Águas Santas. Duas horas e meia foi quanto demorou a passagem das guias. Aqui é a Cimpor que risca. Depois há que atravessar toda a cidade até à bela-Douro, perto da Foz, onde é a fábrica da Secil. Recebe-se um número e encosta-se o carro. Poderia entretanto fazer-se qualquer coisa, mas não é fácil: cada qual tem de vigiar à sua vez, senão... Entra-se na fábrica. Volta-se ao escritório a receber ordem de carga. Novo compasso até que a carga seja. Talvez às 15 e 30 soe a hora desejada... Esperemos.

Eis uma panorâmica de como se gasta um dia em Portugal. Um mundo de burocracia, de conversas intercalares, de desatenção, de sobrançeria. O luxo do cimento! Quem o quiser, sofra! Ou então construa com água e terra batida. Ora não querem lá ver?! Um saquinho do precioso pó, servido sem demora, sem ter de andar de chapéu na mão, sem ter de andar aos papéis de duas empresas (que afinal até parece que é a mesma!), sem ter de andar de Herodes para Pilatos — isso é que era bom! Todo

este ritual acompanhado de linguagem soez que até nos impede de trazer um companheiro, pois nos envergonhamos do que ele teria de ouvir...

Eis a delícia de comprar cimento em Portugal, fora do mercado intermediário que onera gravosamente o produto.

Se fosse só o cimento...! Mas ele é uma imagem de como se falsifica a construção de um país. Não falo do pozinho cinzento que até talvez seja de boa qualidade. É da fatalidade por que tem de se passar para o obter!

Para que empresas monstrosas se as cabeças que as regem são pequenas? Porquê, se a Secil é que produz, não vem a gente à fábrica e não compra? Porquê se temos o maior forno da Europa e a produção — diz-se — tem crescido, sem sequer ter aumentado concomitantemente a construção e as obras públicas, porquê é preciso tanta cerimónia para o obter?

Seria de sorrir, se o cimento, por exemplo, não fosse uma imagem triste de um país para quem o tempo e a dignidade dos cidadãos é tão pouca coisa!

Padre Carlos



Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.600 exemplares